

Metas relativas à resistência aos antimicrobianos: como podemos alcançá-las até 2030?



Os microrganismos tornam-se resistentes aos antimicrobianos: por que motivo constitui um problema?

A resistência aos antimicrobianos representa um grande desafio em matéria de saúde pública na Europa e no mundo. Todos os anos, em toda a União Europeia (UE), a Islândia e a Noruega, mais de 35 000 pessoas morrem de infeções com bactérias que são resistentes aos antimicrobianos¹. Este número aumentou nos últimos anos. O impacto que estas infeções têm na saúde pública é comparável ao da gripe, da tuberculose e do VIH/SIDA combinados.

Ao longo do tempo, as bactérias, os fungos e os parasitas podem adaptar-se para resistir aos efeitos dos antimicrobianos que foram concebidos para os matar. Esta resistência é o resultado da utilização inadequada e excessiva de antimicrobianos em pessoas, animais e na agricultura, bem como de medidas inadequadas de prevenção e controlo de infeções em contextos de cuidados de saúde.



Quando os antimicrobianos (incluindo os antibióticos) se tornam menos eficazes, as infeções comuns tornam-se cada vez mais difíceis ou impossíveis de tratar. Esta circunstância pode resultar em doenças crónicas e, por vezes, até na morte.

A resistência aos antimicrobianos é uma ameaça para a saúde humana e animal, bem como para o ambiente, uma vez que os microrganismos, como as bactérias, se propagam em todos os setores e entre eles. Por conseguinte, este problema tem de ser abordado através de uma ação integrada de vários setores, conhecida como a Abordagem «Uma Só Saúde».

O custo anual da resistência aos antimicrobianos na UE e no Espaço Económico Europeu (EEE) é de quase 11,7 mil milhões de EUR, ou seja, 24 EUR *per capita*. 6,6 mil milhões de EUR do custo total (cerca de 13,4 EUR *per capita*) estão relacionados com despesas de saúde suplementares decorrentes do tratamento de infeções resistentes e das suas consequências. Além disso, 5,1 mil milhões de EUR (10,4 EUR *per capita*) estão relacionados com perdas económicas devido à redução da participação no mercado de trabalho (por exemplo, perda prematura de vida ou redução da produtividade devido a licenças prolongadas por doença)².

Como poderá ser o futuro?

Se não forem tomadas medidas urgentes, prevêm-se graves consequências sanitárias, sociais e económicas:

- As infeções simples podem tornar-se difíceis ou impossíveis de tratar com antibióticos ou outros antimicrobianos, causando uma doença crónica.
- Os procedimentos cirúrgicos simples, os transplantes de órgãos e os tratamentos contra o cancro serão gravemente afetados, uma vez que os doentes dependem da disponibilidade de antimicrobianos eficazes para prevenir e tratar infeções.
- As instalações de cuidados de saúde poderão enfrentar um aumento do número de doentes com infeções difíceis de tratar, colocando pressão sobre os recursos e aumentando a procura de cuidados especializados.

- O prolongamento da hospitalização, o aumento dos custos dos cuidados de saúde e a diminuição da produtividade devido a doenças ou a morte prematura poderão conduzir a um aumento do impacto económico nas pessoas, nas famílias e nas sociedades.




Quais são as metas em matéria de resistência aos antimicrobianos e por que são importantes?



Uma forma concreta e mensurável de acompanhar os progressos a nível da UE e nacional

A Recomendação do Conselho sobre a intensificação das ações da UE para combater a resistência aos antimicrobianos no âmbito da abordagem «Uma Só Saúde» foi adotada em 13 de junho de 2023³. O documento define cinco metas relacionadas com o consumo de antimicrobianos e a resistência aos antimicrobianos a alcançar até 2030, utilizando 2019 como base de referência.

As metas representam uma forma eficaz de acompanhar os progressos e alcançar as metas relacionadas com a prevenção e a redução da resistência aos antimicrobianos. São metas concretas e mensuráveis para a UE em geral e para cada Estado-Membro da UE, de acordo com as suas situações individuais.

Como está a UE a avançar no sentido das metas relativas à resistência aos antimicrobianos de 2030?

 <p>Reduzir em 20 % o consumo total de antibióticos nos seres humanos Nas doses diárias definidas (DDD) por 1 000 habitantes por dia</p>	2019 Base de referência	19.9	-
	2022	19.4	-2.5%
	META 2030	15.9	-20%
 <p>Pelo menos 65 % do consumo total de antibióticos nos seres humanos pertence ao grupo «Acesso» dos antibióticos Tal como definido na classificação AWaRe da OMS</p>	2019 Base de referência	61.1%	-
	2022	59.8%	-1.3%
	META 2030	65%	+3.9%
 <p>Reduzir em 15 % a incidência total de infeções da corrente sanguínea por <i>Staphylococcus aureus</i> resistente à meticilina (MRSA) Número por 100 000 habitantes</p>	2019 Base de referência	5.6	-
	2022	4.9	-12.2%
	META 2030	4.8	-15%
	2019	10.4	-

 <p>Reduzir em 10% a incidência total de infecções da corrente sanguínea por <i>Escherichia coli</i> resistente à cefalosporia de terceira geração</p> <p>Número por 100 000 habitantes</p>	Base de referência		
	2022	8.7	-16.8%
	META 2030	9.4	-10%
 <p>Reduzir em 5 % a incidência total de infecções da corrente sanguínea por <i>Klebsiella pneumoniae</i> resistente a carbapenemas</p> <p>Número por 100 000 habitantes</p>	2019 Base de referência	2.2	-
	2022	3.3	+49.7%
	META 2030	2.1	-5%

Em 2022, o consumo total de antibióticos em seres humanos (setores comunitário e hospitalar combinados) tinha diminuído 2,5 % desde o ano de referência de 2019, indicando um progresso lento em direção à meta da UE de reduzir o consumo total em 20 % até 2030 (meta 1).

Apenas nove Estados-Membros da UE atingiram ou ultrapassaram a meta de, pelo menos, 65 % do consumo de antibióticos pertencentes ao grupo «Acesso» (de acordo com a classificação de antibióticos AWaRe da OMS) até 2023 (meta 2), enquanto 17 países permaneceram abaixo desta meta. Para a UE em geral, esta percentagem foi de 59,8 % em 2022.

Os totais de incidência de infecções da corrente sanguínea por MRSA (meta 3) e por *E. coli* resistente às cefalosporinas de terceira geração (meta 4) revelaram ambas tendências decrescentes a nível da UE, com diminuições de 12,2 % e 16,8 % entre 2019 e 2022, respetivamente. Em relação às infecções da corrente sanguínea por *E. coli* resistente às cefalosporinas de terceira geração, isto significa que, de um modo geral, a UE já atingiu a meta de redução de 10 % em 2022.

Em contrapartida, a incidência total de infecções da corrente sanguínea por *K. pneumoniae* resistente a carbapenemas (meta 5) aumentou quase 50 % entre 2019 e 2022. Isto significa que a situação na UE piorou desde 2019, em vez de progredir para a meta de redução de 5 % até 2030.

Embora se tenham registado progressos lentos em determinadas áreas, é necessário intensificar os esforços para garantir que as metas sejam alcançadas tanto a nível da UE quanto a nível nacional.

Alcançar as metas até 2030: principais ações

A resistência aos antimicrobianos é uma preocupação de saúde pública que tem de ser abordada em várias frentes e por diferentes intervenientes. Embora seja da responsabilidade de todos garantir que os antimicrobianos continuam a ser eficazes, existem grupos específicos que têm uma responsabilidade acrescida, tais como os decisores políticos a nível nacional e local, bem como os decisores em contextos de cuidados de saúde.

Estes grupos podem impulsionar ou implementar ações que ajudem a reduzir o aparecimento e a propagação de bactérias resistentes aos antimicrobianos, nomeadamente a promoção de uma utilização prudente dos antimicrobianos, o apoio a melhorias nas práticas de prevenção e controlo de infeções, o reforço da investigação e da inovação e a garantia de que as políticas e os procedimentos estão em vigor a nível nacional.

Promover a utilização prudente de antimicrobianos na comunidade e em contextos de cuidados de saúde



Uma utilização prudente significa apenas recorrer aos antimicrobianos quando necessário na dosagem correta, com intervalos de dosagem adequados e durante o período de tratamento.

Na comunidade, a promoção da utilização prudente de antimicrobianos pode ser realizada através da realização de campanhas de sensibilização dirigidas à população em geral. As mesmas devem salientar a importância de tomar os antimicrobianos

tal como prescritos por um profissional de saúde e apenas quando são necessários.

Nos contextos de cuidados de saúde, tal é efetivamente aplicado através do estabelecimento de programas de gestão de antimicrobianos, que também melhoram os resultados dos doentes, ajudam a reduzir as taxas de resistência aos antimicrobianos e diminuem a propagação de infeções associadas aos cuidados de saúde.

Esteja «AWaRe» (ciente) sobre os antibióticos

A AWaRe⁴ é uma ferramenta desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde para apoiar os esforços de gestão de antimicrobianos. A ferramenta divide os antibióticos em três grupos, tendo em consideração os respetivos impactos na resistência aos antimicrobianos em geral:

Acesso — Antibióticos para o tratamento de primeira ou segunda linha de infeções comuns (como infeções do ouvido), com pouca probabilidade de contribuir para o desenvolvimento e a propagação da resistência aos antimicrobianos.

Vigilância — Antibióticos com um maior impacto negativo na resistência aos antimicrobianos, mas que são as opções mais eficazes para um grupo limitado de infeções (por exemplo, infeções renais). A sua utilização deve ser rigorosamente monitorizada e restringida a indicações limitadas.

Reserva — Antibióticos de último recurso que podem ser eficazes contra bactérias multirresistentes. Trata-se de um instrumento valioso que deve ser utilizado com a maior moderação possível.



Promover e implementar medidas e políticas eficazes de prevenção e controlo de infeções em contextos de cuidados de saúde e na comunidade

As infeções associadas aos cuidados de saúde causam mais mortes na Europa do que qualquer outra doença infecciosa sob vigilância no ECDC⁵. Mais de 70% do impacto da resistência aos antimicrobianos na saúde na UE/no EEE deve-se a infeções associadas aos cuidados de saúde, metade das quais poderiam ser evitadas através de medidas adequadas de prevenção e controlo de infeções¹.

Em contextos de cuidados de saúde, a implementação atempada de medidas de prevenção e controlo de infeções é fundamental para minimizar a propagação de bactérias resistentes aos

antimicrobianos e, conseqüentemente, o seu impacto nos doentes hospitalizados. Tal exige que sejam tomadas medidas por vários grupos, designadamente decisores políticos, gestores de cuidados de saúde, profissionais de saúde, doentes e visitantes.

Na comunidade, muitas infeções podem ser evitadas através da higiene das mãos e de outras medidas de prevenção e controlo de infeções, como a observância da etiqueta respiratória e a permanência em casa quando se está doente, o que pode resultar numa redução das necessidades de cuidados médicos e em menos prescrições desnecessárias de antimicrobianos, como se verificou durante a pandemia de COVID-19.

Aumentar a vigilância da resistência aos antimicrobianos e do consumo de antimicrobianos

O reforço da vigilância da resistência aos antimicrobianos e do consumo de antimicrobianos na saúde humana, bem como nos setores veterinário e ambiental, é crucial para a UE. Esta circunstância ajuda a avaliar a propagação de bactérias resistentes aos antimicrobianos, de modo a que possam ser implementadas políticas e ações adequadas para apoiar a utilização prudente de antimicrobianos e medidas adequadas de prevenção e controlo de infeções.

Os Estados-Membros também têm de tomar medidas adicionais para colmatar as lacunas existentes em matéria de vigilância e monitorização, para garantir a exaustividade dos dados relativos à resistência aos antimicrobianos e ao consumo de antimicrobianos a todos os níveis, e para desenvolver sistemas integrados que abranjam a saúde humana, a saúde animal, a fitossanidade, os alimentos, as águas residuais e o ambiente⁶.

Reforçar os planos de ação nacionais «Uma Só Saúde» contra a resistência aos antimicrobianos

Em 2021, a Comissão Europeia publicou a sua avaliação⁶ dos planos de ação nacionais «Uma Só Saúde» contra a resistência aos antimicrobianos e constatou que, embora existam planos em vigor em todos os Estados-Membros da UE, o seu conteúdo e pormenor variavam de país para país.

Estes planos devem continuar a ser desenvolvidos seguindo a abordagem «Uma Só Saúde» para promover a utilização prudente de antimicrobianos, a coordenação intersetorial e medidas baseadas em dados concretos com vista a prevenir, monitorizar e reduzir a propagação da resistência aos antimicrobianos.

Os planos de ação nacionais devem ser avaliados, pelo menos, de três em três anos e devem ser implementadas ações para dar resposta às conclusões das avaliações.

Reforçar a investigação e a inovação

Conselho da União Europeia incentiva os Estados-Membros a reforçarem a investigação e a inovação no domínio da resistência aos antimicrobianos, a fim de prevenir, detetar e tratar eficazmente as infeções com bactérias resistentes aos antimicrobianos nos seres humanos e nos animais, através do desenvolvimento de novos antimicrobianos, bem como de outras ferramentas e soluções³.

Tal pode ser alcançado através da criação e do alargamento de parcerias nacionais e internacionais, da investigação transnacional e da utilização das oportunidades de financiamento oferecidas pela UE através de vários mecanismos⁷. Em 2023, o Parlamento Europeu também aprovou uma resolução sobre resistência aos antimicrobianos que reconheceu a necessidade de mais investigação e desenvolvimento em novos antimicrobianos e alternativas aos antimicrobianos⁸.

Para além dos números: a resistência aos antimicrobianos afeta pessoas reais



Quando Areti tinha 13 anos de idade, foi diagnosticada com leucemia linfoblástica aguda, um cancro dos glóbulos brancos.

Durante o tratamento contra o cancro, desenvolveu uma infeção com uma estirpe de *Klebsiella* resistente à maioria dos antibióticos disponíveis.

Não só a doente teve dificuldades em ultrapassar a infeção, como também a quimioterapia teve de ser suspensa, comprometendo gravemente as suas probabilidades de sobrevivência.

A disponibilidade de antibióticos eficazes permitiu-lhe vencer a infeção e prosseguir o tratamento contra o cancro. Hoje, 12 anos mais tarde, Areti está viva e saudável.

Referências

1. Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC) *Assessing the health burden of infections with antibiotic-resistant bacteria in the EU/EEA*, (Avaliar os encargos para a saúde das infeções com bactérias resistentes aos antibióticos na UE/no EEE) 2016-2020. Estocolmo: ECDC; 2022. Disponível em: <https://bit.ly/473CND4>
2. Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económicos (OCDE) *Combate à resistência antimicrobiana na UE/no EEE. Adotar uma abordagem «Uma Só Saúde»*. Paris: OCDE; 2023. Disponível em: oe.cd/amr-eaad2023
3. Conselho da União Europeia. *Recomendação do Conselho sobre a intensificação das ações da UE para combater a resistência aos antimicrobianos no âmbito da abordagem «Uma Só Saúde»*. Bruxelas: CE; 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3QISwGG>
4. Organização Mundial da Saúde (OMS). *Classificação AWaRe de 2021*. Genebra: OMS; 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3tXr6Q3>
5. Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC) *Healthcare-associated infections – a threat to patient safety in Europe* (Infeções associadas aos cuidados de saúde — uma ameaça para a segurança dos doentes na Europa). Estocolmo: ECDC; 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3QDKJp2>
6. Comissão Europeia (CE). *Planos de ação nacionais «Uma Só Saúde» dos Estados-Membros contra a resistência aos antimicrobianos*. Bruxelas: CE; 2022. Disponível em: <https://bit.ly/40ftldD>
7. Comissão Europeia (CE). *Investigação e inovação sobre a resistência aos antimicrobianos*. Bruxelas: CE. Disponível em: <https://bit.ly/3shO8k7>
8. Comissão Europeia (CE). *É necessária uma utilização prudente de antibióticos e mais investigação para combater a resistência aos antimicrobianos*. Bruxelas: CE; 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3FFcgA9>

